

A contraposição epistemológica do jornalismo independente e alternativo: uma observação dos veículos *Plural* e *Jornalistas Livres*¹

Paulo Henrique SEMICEK²

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS

RESUMO

Variadas definições tratam de um jornalismo contra-hegemônico, de nova postura editorial, mas com o desafio de se consolidar editorial e profissionalmente. Logo, o objetivo do artigo é mapear características compartilhadas dos conceitos de jornalismo independente e alternativo em diferentes projetos jornalísticos, com metodologias bibliográfica e exploratória para observação dos conceitos e dos veículos *Plural* e *Jornalistas Livres*. Com objetivos secundários que buscam identificação de conexões socioeconômicas dos projetos e a compreensão das nomenclaturas como contrapontos políticos, o estudo traz contribuições para a reflexão desta práxis como base discursiva e epistemológica.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo alternativo; jornalismo independente; jornalismo de contraponto; comunicação política; contra-hegemonia.

INTRODUÇÃO

A existência de uma imprensa que contrapõe, rebate ou mostra “o outro lado” da sociedade não é algo novo e, no contexto histórico brasileiro, há uma trajetória de atores com tal iniciativa. No entanto, diferentes nomenclaturas buscaram e buscam classificar este tipo de jornalismo: independente (Reis, 2017) e alternativo (Oliveira, 2009) são apenas algumas entre tantas outras possibilidades. Em todos, porém, se nota um denominador comum: o reconhecimento de uma prática jornalística insatisfatória ou incompleta, à qual urge a necessidade de um trabalho de reconfiguração.

Torna-se inevitável refletir, desta forma, sobre a potencialidade destes termos e como eles concretizam um jornalismo que carrega contrapontos em termos editoriais, profissionais, políticos e econômicos. Há, portanto, uma pergunta latente: o que estes

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências de Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Bolsista pelo Programa de Excelência Acadêmica (PROEX) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Participante do grupo de pesquisa LIC – Laboratório de Investigação do Cibercontecimento do Programa de Pós-Graduação em Ciências de Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná, e-mail: paulohsemicek@gmail.com.

termos sintetizam desta prática jornalística e como estas diferentes nomenclaturas podem fazer parte de uma mesma base discursiva, estabelecendo assim uma crítica e propondo novas práticas?

Desta forma, o objetivo geral do artigo é mapear características compartilhadas dos conceitos de jornalismo independente e alternativo em diferentes projetos jornalísticos que se reconhecem neste contexto. Por meio de pesquisa bibliográfica dos conceitos e observação exploratória das iniciativas *Plural*³ e *Jornalistas Livres*⁴, o estudo possui ainda os objetivos secundários de: 1) identificar conexões políticas, socioeconômicas e culturais entre os projetos e 2) compreender como os conceitos se alinham como contrapontos a práticas dominantes de meios de comunicação tradicionais.

O desenvolvimento do artigo se justifica pela importância de arcabouço conceitual mais bem definido sobre quais as características deste movimento de contraponto, especialmente porque diferentes nomenclaturas implicam em diferentes caracterizações desta ruptura epistemológica com lógicas dominantes. Em um aspecto mais social, o estudo também se propõe como contribuição para que comunicadores inseridos neste contexto exerçam uma reflexão sobre suas práticas.

Como metodologia, propõe-se aqui uma combinação de pesquisa bibliográfica (De Sousa et al., 2021) e pesquisa exploratória (Bonin, 2008). A primeira busca investigar, em um campo teórico, diferentes conceitualizações deste movimento jornalístico de ruptura e como o campo da comunicação observa a amplitude de definições.

Em seguida, uma observação exploratória propõe, por meio da aproximação empírica com dois projetos jornalísticos inseridos dentro desta lógica de ruptura, identificar diferenças, mas também similaridades entre movimentos independentes e alternativos no contexto do jornalismo brasileiro atual.

A PRÁTICA JORNALÍSTICA INDEPENDENTE

A ideia de uma prática jornalística, seja ela hegemônica ou não, passa pelo exercício que o jornalista faz diante dos acontecimentos. Logo, por mais que as subjetividades e inclinações políticas se manifestem no trabalho que faz um profissional, há um fato ali que permitem variadas ações discursivas e interpretações, que ganharão

³ <https://www.plural.jor.br/>.

⁴ <https://jornalistaslivres.org/>.

corpo conforme o desenvolvimento do texto jornalístico. Há, desta forma, sempre uma tentativa do jornalismo de validar as suas críticas por meio de um discurso presente na prática diante do fato (Teixeira; Cláudio, 2020).

Quanto à ideia de uma prática que ressignifique uma dinâmica desgastada da imprensa tradicional, esta validação é uma forma de trazer olhares e vozes que não são contemplados por grandes grupos de comunicação. Aqui, há ainda o reconhecimento de que o jornalismo ocupa o seu lugar na ágora que é o espaço digital atual (Caballero, 2021), mesmo que de forma distinta aos tempos analógicos.

A superação de uma certa práxis jornalística vista como tradicional é, portanto, uma forma de reconfigurar o mercado de trabalho na mesma medida em que é uma adaptação a um cenário volátil do universo digital. Isto é, o questionamento da capacidade de sustentação do jornalismo fez com que, diante das incertezas da redação hegemônica, profissionais optassem por uma forma de independência, em relação a este modelo referencial de organização.

Se por um lado, nesse novo cenário estão os veículos tradicionais pesquisando e testando novas formas de alcançar o público para ampliar a receita e simultaneamente diminuindo o *staff* das redações, por outro, parte desse contingente de jornalistas que perdeu seus empregos está buscando novas oportunidades além dos modelos tradicionais. Percebe-se um movimento de lançar iniciativas de gestão diversificadas, como *self journalism* e jornalismo independente (Rocha; Dancosky, 2018, p.391).

Assim, a existência de meios de comunicação historicamente hegemônicos (Dias, 2020) e os seus movimentos diante das transformações tecnológicas concentra uma série de questões econômicas, políticas e organizacionais que se aglutinam em um ponto central, o cerne do contraponto alternativo e independente: a crítica que se converte em ação. Se, na visão destes jornalistas, há uma diferença inconciliável com os meios tradicionais, então surge a necessidade de novas propostas para o fazer jornalístico.

O desafio deste jornalismo de contraponto não se resume, porém, a uma oposição editorial; o universo digital da atualidade, regido pela dominância das plataformas digitais (Van Dijck, 2020), é um elemento fundamental para as dinâmicas de publicação de conteúdo, assim na própria dinâmica junto ao público. “Na vida digital, todos se tornam empreendedores de si mesmos enquanto são a mercadoria a ser comercializada (...) A cultura do capital ganha hegemonia nas infovias das redes digitais (De Souza, 2024, p.7)”.

Logo, uma primeira nomenclatura, relativamente comum, que entra em debate é a do jornalismo independente. Entre as suas mais variadas definições, destaca um

deslocamento diante da comunicação hegemônica e sua contribuição para a midiaticização da esfera pública, manifestando uma participação política que faz parte de um sistema dominante.

(...) talvez se possa observar o surgimento, nesse tipo de jornalismo, de discursos de *resistência* desses veículos em relação aos discursos em circulação nas mídias tradicionais, com uma possível troca de lugar de fala entre os sujeitos, conferindo empoderamento ao enunciador, ou seja um discurso na *contracorrente*, *contra-hegemônico*, no dizer gramsciano (Reis, 2017, p.202).

Se a questão da resistência é um elemento-chave para pensar o jornalismo independente, então a reflexão aqui reside também no reconhecimento do jornalista como agente no debate público, capaz de estabelecer um agir político através do movimento comunicacional que faz a cada publicação.

A independência reivindica opera, portanto, em reconhecer um sistema de submissões e articulações políticas e econômicas, estabelecendo então uma oposição, algo que Costa de Oliveira et al. (2023) identificam como consensual em diferentes projetos latino-americanos. “Essa inexistência de vínculo com os grupos de poder, sejam eles políticos ou econômicos, foi apontado como o aspecto chave para o jornalismo independente pelos entrevistados dos diferentes países (Costa de Oliveira et al., 2023, p.127)”.

Naturalmente, a definição do que é efetivamente um jornalismo independente passa pela problematização mais ampla, que suscita questões como a sustentação financeira de um veículo desta característica (Patrício, 2022) e também a defesa que estes projetos fazem em termos de política, como a dinâmica centro e periferia, por exemplo (Patrício; Batista, 2020).

Logo, cabe observar a extensão do que estes projetos jornalísticos consideram independência e como ela constitui de um ponto de vista epistemológico. “A ‘construção da realidade’, assim, depende do ‘lugar social do qual se fala’, se sob a perspectiva de uma mídia branca, elitista e rica ou de uma mídia de diferentes etnias e raças, pobre ou pouco abastada (Horn, 2022, p.6)”.

Assim, cabe problematizar em algum nível a ideia de independência jornalística, uma vez que o contraponto frente aos meios tradicionais é apenas uma possibilidade, entre outras, de ressignificar a prática jornalística. Neste sentido, o conceito de alternatividade, por exemplo, pode servir para reforçar ou tornar mais abrangente a compreensão desta

práxis que, a partir de uma discordância discursiva e epistemológica, se consolida como ação comunicativa.

A PRÁTICA JORNALÍSTICA ALTERNATIVA

Na mesma problemática da independência, a ideia de um jornalismo alternativo também carrega seu próprio cabedal de definições. Como uma revisão teórica mais profunda pode identificar, a noção de alternatividade implica em oferecer ao público um reequilíbrio do debate público e uma abertura democrática de espaços midiáticos (Oliveira, 2009).

O jornalismo alternativo, desta forma, se sustenta entre a manutenção de um profissionalismo e a reconfiguração do modelo tradicional hegemônico, mais além do aspecto político e buscando uma viabilização de um novo jornalismo como organização, que pensa o que produz e como produz.

Estes jornalistas reproduzem determinados princípios e técnicas, reconhecendo o capital social do elemento dominante, ou seja, dos jornais convencionais, ao mesmo tempo em que reivindicam grau maior de veracidade sobre os relatos. Isto ocorre por três fatores principais: este jornalismo pretende ser disruptivo, reivindicando um protagonismo com a intenção de inverter seu papel secundário no jogo em relação ao jornalismo convencional; pela necessidade em reafirmar seu caráter oposicionista, o que o aproxima aos grupos sociais aos quais se dirige e que os sustentam com informações ou como financiadores (Da Rosa; Bronosky, 2017, p.27).

Fazer diferente, neste caso, é pensar um projeto jornalístico que envolva novas possibilidades de organização e configuração para além do tradicional “As motivações para tanto possivelmente vem do interesse social presente nos cidadãos e nas organizações civis em interferir nos sistemas geradores e mantenedores de desigualdade (Krohling Peruzzo, 2008, p.378)”.

O artigo opta ainda por trazer, para além dos conceitos de independência e alternatividade, uma noção de contra-hegemonia que reforça a ideia de contraponto diante de uma prática jornalística dominante, o que se demonstra comum a ambos. A similaridade em relação às nomenclaturas anteriores reside na premissa de que há uma assimetria comunicacional, em que “uma parte ínfima da sociedade é proprietária dos veículos, enquanto a coletividade é apenas destinatária (...) (De Moraes, 2010, p.72)”.

A perspectiva contra-hegemônica permite a esta ampla prática jornalística se ver como efetivamente um meio de oposição aos grupos tradicionais, pois assim o debate público se torna estável (De Góes, 2007). Além deste ponto, um veículo assumir que

produz conteúdos com tal premissa implica em estabelecer uma crítica à práxis jornalística em geral, fortalecendo ao mesmo tempo um debate político e um debate profissional (Krohling Peruzzo, 2008).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia presente neste artigo, que combina uma reflexão teórica com pontuais inferências a partir de uma observação empírica, recai sobre dois movimentos. O primeiro, já observado na revisão de autores vista anteriormente, é o de uma pesquisa bibliográfica (De Sousa et al., 2021) na qual investigações a respeito do jornalismo independente e alternativo possam gerar reflexões a respeito de um conceito amplo e bastante ramificado nos estudos do jornalismo.

A partir desta revisão, lança-se uma pesquisa exploratória por meio da observação empírica dos veículos *Plural* e *Jornalistas Livres*. A escolha destes objetos de pesquisa se dá, principalmente, pela pertinência em observar projetos com alcances de territorialidade distintos e abordagens mais ou menos críticas do jornalismo, mas que, a um primeiro olhar, carregam similaridades na tentativa de se colocarem como contrapontos independentes e alternativos.

Com esta proposta, a pesquisa exploratória aqui realizada condiz com o caráter reflexivo e de contribuição com os estudos da área do artigo, ao construir uma aproximação com os objetos e estabelecer um parâmetro a partir do que já foi destrinchado na pesquisa bibliográfica. “As ações de pesquisa exploratória implicam investir em planejamento, construção e realização de sucessivas aproximações ao concreto empírico, a partir de várias angulações possíveis (...) (Bonin, 2008, p.125)”.

Logo, tanto a pesquisa bibliográfica, de ordem teórica, quanto a etapa exploratória, predominantemente empírica, apontam para uma práxis de contraponto em que dois movimentos se complementam: a independência com a qual os veículos observados recusam pensar hegemonicamente e a alternatividade que os direciona para o exercício de uma pluralidade que não encontra eco em grandes grupos de comunicação.

RESULTADOS

O desenvolvimento destes resultados se dá por meio da observação empírica, na qual foram identificados certos movimentos editoriais e políticos de cada objeto de

pesquisa, assim como recortados alguns textos jornalísticos que correspondem a tais movimentos.

a) *Plural*

O *Plural* se auto-identifica, em sua página *Quem Somos*⁵, como um veículo jornalístico independente local, fundado em 2019 com a afirmação de não possuir relações comerciais com instituições públicas, ressaltando que suas receitas vêm apenas do financiamento de seus leitores. A primeira demarcação de independência e alternatividade, portanto, já reside na proposta de estabelecer relações econômicas distintas às dos meios tradicionais.

A observação exploratória segue na investigação de alguns textos jornalísticos que caracterizem a pluralidade de uma comunicação alternativa. Uma das matérias extraídas deste movimento diz respeito a um possível corte de árvores em uma avenida da cidade de Curitiba, em nome da viabilização de uma nova linha de ônibus na capital paranaense⁶.

A matéria, produzida em 8 de agosto de 2024 pela jornalista Júlia Sobkowiak, faz parte de uma sequência de matérias anteriores que buscam visibilizar os riscos ambientais do corte das árvores, assim como a mobilização de moradores da região para evitar a ação por parte da Prefeitura de Curitiba.

Outro texto, de autoria do jornalista José Marcos Lopes no dia 1º de agosto⁷, alimenta o debate a respeito da posse de terras no Oeste paranaense, cujo litígio se dá entre povos originários e produtores rurais da região. O texto faz um retrospecto dos aspectos legais e todos os acontecimentos que alimentam o conflito na atualidade.

Assim como nestes dois textos jornalísticos, é possível navegar pela página inicial do *Plural*⁸ e, em uma perspectiva exploratória, notar que, a partir da delimitação de territorialidade (Curitiba e, em momentos de expansão, o Paraná), as publicações perpassam pela visibilização de grupos sociais diante de questões que envolvam o poder público. Por vezes, se visibiliza também o embate que se gera em determinadas questões, como as exemplificadas em parágrafos anteriores.

b) *Jornalistas Livres*

⁵ <https://www.plural.jor.br/quem-somos/>. Acesso em: 14 ago. 2024.

⁶ <https://www.plural.jor.br/noticias/vizinhanca/audiencia-publica-discute-destino-das-arvores-da-arthur-bernardes/>. Acesso em: 10 ago. 2024.

⁷ <https://www.plural.jor.br/noticias/vizinhanca/ao-contrario-do-que-diz-ratinho-indigenas-estao-em-area-que-pertence-a-eles/>. Acesso em: 11 ago. 2024.

⁸ <https://www.plural.jor.br/>. Acesso em 10 jul. 2024.

O que se nota, ao observar a página *Quem Somos*⁹ do veículo *Jornalistas Livres*, é uma delimitação editorial e política muito clara, que rege a produção de conteúdo presente no seu site. O texto, que se reivindica também como manifesto, expõe uma oposição clara ao que se convencionou chamar de mídia tradicional, ressaltando que sua busca é pela maior produção de reportagens, visando uma democratização da informação.

A investigação empírica realizada aqui traz dois textos jornalísticos que procuram elucidar este movimento proposto pelo veículo. O primeiro recorte está uma matéria publicada pelo *Jornalistas Livres* por Leonardo Koury no dia 22 de agosto de 2024; nela, o jornalista repercute um estudo em que pesquisadores, de diferentes instituições, sobre a quantidade de jovens que deixam a condição de dependentes de beneficiários do programa *Bolsa Família*, pois obtiveram empregos formais¹⁰. Há, portanto, uma sinalização positiva para determinada política de Estado e seu desenvolvimento.

Uma vez que o *Jornalistas Livres*, assim como o *Plural*, também produz colunas e artigos de opinião, neste tipo de texto novamente se observa como o veículo caracteriza sua independência e contraponto frente a um jornalismo tradicional. Em artigo assinado pelo jornalista Paulo Batista Nogueira Júnior no dia 17 de julho de 2024, o veículo projeta um movimento de oposição política nas reações às recentes movimentações econômicas referentes ao governo federal¹¹. Ao longo de todo o texto, propõe-se pensar em grandes grupos de comunicação como responsáveis do que se atribui à fabricação de uma crise econômica no Brasil.

Mesmo reconhecendo as limitações da observação exploratória, nota-se que a caracterização de independência jornalística do *Jornalistas Livres*, a partir da revisão teórica anteriormente produzida neste estudo, se dá frequentemente na associação entre grupos sociais variados e o quanto se alinham a certa perspectiva política.

Desta forma, há reconhecidamente uma independência ao modelo editorial, político e econômico de um jornalismo tradicional, mas sem que este contraponto impeça a aderência do veículo a outras correntes políticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

⁹ <https://jornalistaslivres.org/quem-somos/>.

¹⁰ <https://jornalistaslivres.org/geracao-de-jovens-que-estiveram-no-bolsa-familia-garantem-renda-acima-da-media-do-programa-aponta-estudo-sobre-o-direito-a-renda/>.

¹¹ <https://jornalistaslivres.org/crise-fabricada/>.

Como proposta, este artigo apresentou uma questão referente a este movimento jornalístico de contraponto, denominado independente, alternativo ou alguma outra nomenclatura que reforce o que parece conectar variados projetos desta mesma vertente: a necessidade de jornalistas e comunicadores em, diante de uma divergência política, econômica ou editorial com o que se convencionou chamar de imprensa tradicional, buscam reconfigurar o jornalismo em uma perspectiva mais plural e livre.

Desta forma, por meio da observação exploratória, o artigo se propôs a identificar algumas características gerais em dois veículos que se reivindicam independentes e alternativos: o *Plural* e o *Jornalistas Livres*. Com alguns recortes de textos jornalísticos e editoriais que auto-identificam os projetos, procura-se aqui o mapeamento de exercícios de contraponto, tal como desenvolvido na pesquisa bibliográfica, e o quanto eles contribuem para a discussão desta práxis, ampla como é.

Com propostas de cobertura diferentes, ambos os projetos lidam com a mesma problemática, já identificada na etapa bibliográfica: a necessidade de não apenas serem projetos contra-hegemônicos diante de uma imprensa tradicional. Enquanto o *Plural* se utiliza de uma estrutura textual mais próxima do jornalismo hegemônico para visibilizar grupos sociais, ainda que buscando um equilíbrio de vozes, o *Jornalistas Livres* se mostra mais incisivo em seu reconhecimento como agente político, que admite suas interpretações como ações políticas mais intensamente.

Independentemente do juízo de valor que se possa fazer sobre uma proposta ou outra, o que não é o propósito deste estudo, o que se observa aqui são duas maneiras de, a partir de um contraponto-chave, produzir conteúdo jornalístico. Seja pela reconfiguração das pautas, como faz o *Plural*, seja pela identificação clara dentro do debate público, como fazem os *Jornalistas Livres*, a continuidade do debate sobre este jornalismo reside em dois elementos.

O primeiro é a definição de quais modelos editoriais sintetizam melhor a pluralidade que se busca, enquanto o segundo se trata do autorreconhecimento dos veículos como agentes políticos, com todas as contradições, críticas e perspectivas discursivas que este processo gera.

REFERÊNCIAS

BONIN, Jiani Adriana. Explorações sobre práticas metodológicas na pesquisa em comunicação. **Revista Famecos**, v. 15, n. 37, p. 121-127, 2008.

CABALLERO, Francisco Sierra. El retorno a Atenas. Lecciones de democracia participativa en la era digital. In: **Ciberactivismo y nuevos movimientos urbanos: La producción de la nueva ciudadanía digital**. ACCI (Asociación Cultural y Científica Iberoamericana), 2021. p. 315-340.

COSTA DE OLIVEIRA, Vanessa; TREVISAN FELIPPI, Ângela Cristina. Jornalismo independente latino-americano: a configuração de uma forma cultural. **Chasqui (13901079)**, n. 154, 2023.

DA ROSA, Guilherme Carvalho; BRONOSKY, Marcelo. Jornalismo alternativo no Brasil: do impresso ao digital. **Pauta Geral**, v. 4, n. 1, p. 21-29, 2017.

DE GÓES, Laércio Torres. **Contra-hegemonia e internet: Gramsci e a mídia alternativa dos movimentos sociais na web**. 2007.

DE MORAES, Dênis. Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci. **Revista Debates**, v. 4, n. 1, p. 54, 2010.

DE SOUSA, Angélica Silva; DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 43, 2021.

DE SOUZA, Rafael Bellan Rodrigues. Plataformas digitais e jornalismo subjetivista: tendências irracionistas. **Esferas**, n. 29, 2024.

DIAS, André Bonsanto. Da modernização à autoridade: a grande imprensa brasileira, entre a ditadura e a democracia–Folha de S. Paulo e O Globo, 1964-2014. **Opinião Pública**, v. 25, p. 472-494, 2020.

HORN, Aline Tainá Amaral. O perfil editorial do jornalismo independente no Brasil e na França. **Revista FAMECOS**, v. 29, n. 1, p. e41612-e41612, 2022.

KROHLING PERUZZO, Cicilia M. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados. Reelaborações no setor. **Palavra chave**, v. 11, n. 2, p. 367-379, 2008.

OLIVEIRA, Dennis. Jornalismo alternativo, o utopismo iconoclasta. **Anais VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**, 2009.

PATRÍCIO, Edgard. Territorialidade, financiamento e jornalismo independente no Nordeste do Brasil. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 19, n. 2, 2022.

PATRÍCIO, Edgard; BATISTA, Raphaelle. Elementos de identidade em iniciativas de jornalismo independente. **Revista Extraprensa**, v. 13, n. 2, p. 217-231, 2020.

REIS, Mariana. Comunicar, resistir: um olhar sobre as práticas discursivas em rede do jornalismo independente no Brasil. **Vozes e Diálogo**, v. 16, n. 01, 2017.

ROCHA, Paula Melani; DANCOSKY, Andressa Kikuti. A diversidade de representações da mulher na cauda longa do jornalismo independente sobre gênero. **Chasqui: Revista Latinoamericana de Comunicación**, n. 139, p. 389-408, 2018.

TEIXEIRA, Engelke Menezes; CLAUDIO, Antonio. Grassroots media activism and the counter-hegemonic narrative of politics. **ephemera: theory & politics in organization**, v. 20, n. 1, 2020.

VAN DIJCK, José. Seeing the forest for the trees: Visualizing platformization and its governance. **New Media & Society**. Online First, 2020.